

























Foto da Confraria ~~na~~ década de 70











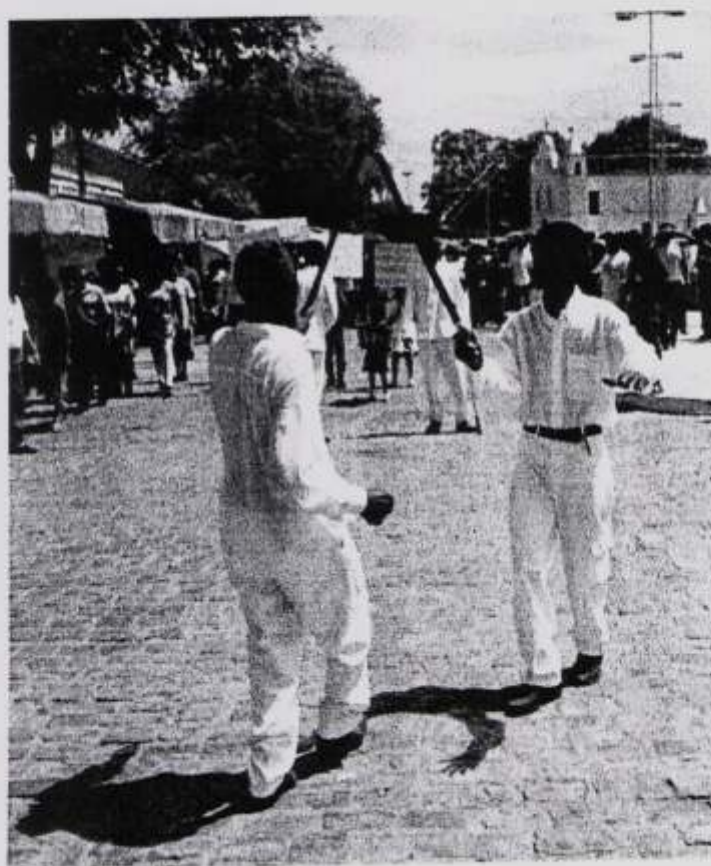
Foto da Confraria ~~na~~ década de 70

Foto 07: Domingos Sávio e Saúde, Reis Negros da Confraria do Rosário em 2000, em cerimônia de celebração da missa de festejo.



O cortejo dos reis até as suas casas é acompanhado de música meramente instrumental. Os pífanos, zabumba e caixa formam pequenina orquestra que fecha o cortejo. Destaca-se ainda no cortejo a ação dos espadachins. Dois velhos negros esgrimam em passos de dança e luta, batendo velhas espadas de antigos coronéis da guarda nacional, emprestadas por seus descendentes, especialmente para a cerimônia. As duas figuras, às vezes, interrompem a encenação da luta para espantar os moleques e assustar as crianças, retomando desta forma, a sua antiga posição de Mateus, típica dos autos populares nordestinos – um pouco de palhaço, um pouco de demônio, seriedade e gozação em ambigüidade permanente.

Foto 08: Os espadachins João Clemente e Edílson durante o cortejo dos Reis na década de 1990.



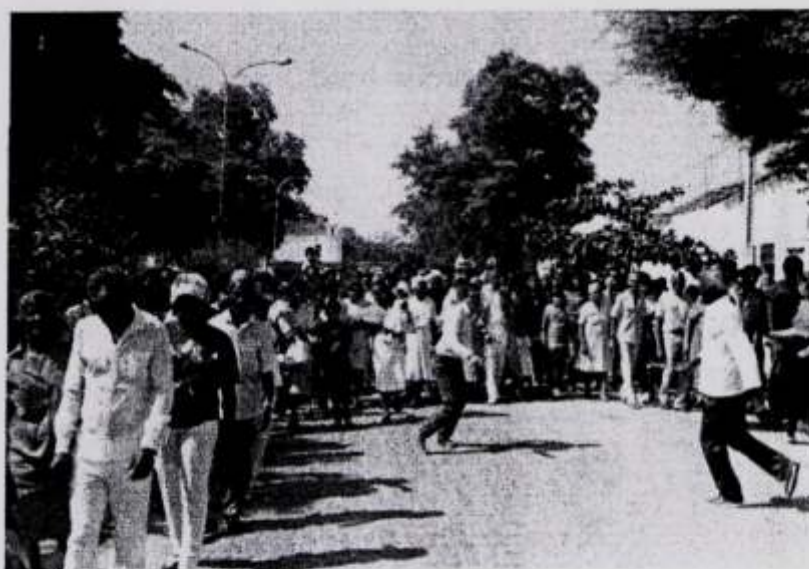
Empolgava a saída do Rei e da Rainha quase sempre nas pessoas de Sebastião Pereira Lopes (Baião) ou João Alventino Lima (João de Leocádia) e da rainha Teresa de Gabriel, da casa dos “Pretos do Rosário” ao lado da Matriz do Bom Jesus dos Aflitos, para a Igreja do Rosário.

Acredita-se que no final do século XIX ou no início do XX, foi construída a casa dos Pretos do Rosário de Floresta, por causa daqueles que não tinham onde ficar nos dias de festas. Um grupo de pessoas que fazia parte da confraria como Joaquim Martins conhecido como Joaquim Pesão, Miguel Tontinha, Sebastião Pereira Lopes (Baião) e outros saíram pedindo ajuda a comunidade, e assim, compraram o terreno e construíram a casa, atualmente tombada pelo patrimônio histórico.

O acompanhamento extraordinário da multidão devota de Nossa Senhora do Rosário e admiradores dos Reis, assistem com dedicação o desenrolar respeitoso de um folclore tradicional... vindo de muito longe a brincadeira séria e ingenuidade dos pretos da nossa terra.

O cortejo organizado, na década de 30, tinha a frente o preto Gabriel (esposo da Teresa rainha), devidamente fardado, com um fraque preto, galões vivados de encarnado, calça branca também vivada da mesma cor vermelha conduzindo à mão uma espada. Manoel Preto, Manoel Paixão e Bau de José Rodrigues pulavam e batiam em cruzamentos as espadas, não era duelo de vida ou morte, mas interessante para os assistentes que viam e assistiam aquela cena de ano em ano essa tradicional festa.

Foto 09: Manoel Preto o espadachim mais famoso da confraria cruzando espada com Carlos Alberto.



Acompanhava o cortejo a banda sob a direção do Sr. Justino e Higino da Fazenda São Pedro e Elias de Flora. Faziam parte desta banda o Sr. Alexandre do Tabuado (zabumba), Cícero de Nego (pífano), Cordeiro (caixa), Guducha (caixa ou zabumba), Touro (caixa ou

zabumba), Lingo (caixa), Zé Valério (pifano), entre outros. Atrás, aquela multidão de assistentes que com dedicação acompanhavam quando em vez cantando orações e alegrando o ambiente festivo de velhas tradições.

O rei e a rainha podem ser representados por pessoas diferentes, a cada ano. Geralmente, senhoritas, de qualquer cor de pele, fazem promessas e assim desfilam, depois da graça alcançada.

Foto 10: O rei Silvio, a rainha e a comunidade após a missa na Igreja do Rosário.



Desde a década de 50 que o Rei e Confrades tomam café, às 6:00 h. da manhã na casa de Sulina, filha de Maria Eufrásio. Maria Eufrásio foi juíza da confraria e várias vezes rainha. O quebra-bucho servido no café, era artesanalmente preparado por esta senhora até 1999. Pois, em 2000, esta faleceu, ficando em seu lugar e assumindo o papel de juíza a sua filha Sulina.

Após servido o café, o rei, os espadachins, confrários e comunidade, acompanhado da banda de pifanos vão ao encontro da rainha na Casa dos Pretos do Rosário, seguindo o cortejo para a igreja, onde é realizado todo ato religioso.

Os reis desfilam pela Praça Antônio Ferraz Boiadeiro após a missa, voltam a casa da confraria para a coroação dos reis do próximo ano, seguindo o cortejo para a casa de Sulina e depois pelas ruas da cidade.

Foto 11: O rei Quinca Leocádia e rainha Celina Polmata desfilando pelas ruas da cidade, após saírem da casa de Sulina - 1999.



Foto 12: O rei Hildo Rosa e a rainha Lô, desfilando pela rua Teófanos Torres, onde fica a casa de Lúcia de Amaro (atual presidente) – 1985.



Em 1988 (Centenário da Abolição da Escravatura), foi sugerido que se comemorasse o 13 de maio. O rei (João Grande) e a rainha (Alzira) saíram à rua, em préstito, tendo à frente os lutadores de espada, dentre os quais se destacava Manoel Preto, com cerca de 80 anos de idade. Atrás, zabumba, caixa, pífanos e acompanhantes. À missa, celebrada na Igreja do Rosário, pelo Monsenhor Fausto Ferraz, que se deslocou de Pesqueira, para essa finalidade. Houve sermão alusivo à data e discurso pela garota negra Maria Margarida da Silva.

Foto 13: João Grande e Margarida em 13 de maio de 1989, comemorando a abolição da escravatura.



Em 1989 e 1990 (neste ano a Prefeitura assumiu encargos), foram celebradas missas *congratulatórias*, a 13 de maio, pelo Padre Aloísio Lunckes. Àquela comemoração cívico-

religiosa, compareceram autoridades e povo em geral. Naquela ocasião, aquele povo humilde promoveu sua festa. Foquetes espoucaram no ar; mais uma vez, alardeava-se a libertação de uma raça outrora escrava. Após a cerimônia religiosa, reuniram-se na Casa da Confraria do Rosário, para as guloseimas.

Nos dias de hoje, essa festa não é mais sublime quanto no passado. O tempo se encarregou de transformar.

Hoje, está tudo mudado. Morreram Baião, João Leocádia, Joaquim Pesão, Sr. Justino, Higino, Elias de Flora, Alzira, Gabriel e Teresa, preta retinta e bela, com traços de boneca, uma rainha imponente e respeitosa, com seu vestido rodado a dominar o cenário; e Gabriel seu esposo, o espadachim famoso, a afugentar os meninos da frente do cortejo à ponta de espada; ou, então, terçando as armas com o terrível, ágil e corajoso Estevão do Juá, chispando o aço das lâminas ao sol do sertão; ou com Pedro Bacorinho, sempre suarento e valoroso. Manoel Pontinha foi um rei compenetrado com sua alta dignidade. Crispim, o preto velho da Fazenda Navio, o lanceiro de confiança, a barrar com a ponta de sua lança os que avançavam o sinal... Morreu, também, Manoel Preto, em 1999, grande entusiasta de renome desta festa inesquecível, o qual ingressou na Confraria do Rosário quando sofria o estado de viuvez. Segundo ele *“as raposas tinham suas tocas, as aves do céu também tinham seu ninho, mas eu não tinha onde reclinar a cabeça”*.⁶

Muitos brancos solidários, acompanhavam vestidos a rigor, o cortejo dos reis, cantando e gingando a música:

Oi Quenda, Oi Quenda,
 Oi Quenda, Maravi a!
 Hoje é dia do Rosário,
 Do Rosário de Maria.

Foram durante muito tempo juízas e rainhas da confraria: Eva, Inácia da Cachoeira, Maria Joaquina, Elisa de Amaro, Elisa Piau, Maria Simplicia (conhecida por Maria da Cassimiro), Maria Eufrásio e outras, deixando um vazio muito grande com as suas partidas para a eternidade, mas a certeza de que muito fizeram pela Festa dos Reis Negros de Floresta.

Maria Joaquina foi uma das primeiras presidente da confraria, atuando por muitos anos, ficando no seu lugar a sua filha Elisa de Amaro, após a sua morte. Lúcia, neta de Maria Joaquina e filha de Maria Elisa assumiu o lugar de sua mãe, quando esta morreu. Maria Margarida da Silva é a atual tesoureira.

⁶ PRETO, s.n.t.

Antigamente, o cortejo era composto por quatro espadachins sendo dois velhos e dois jovens. Hoje só participam duas pessoas. Acredita-se que este ano volte a participar os quatro como era antes, por que pessoas da comunidade doaram quatro espadas. Foram reis e rainhas nas décadas de 60 e 70: Adalgisa, Baião, Elisa Piau, João Grande, Manoel Preto José Paulo, Generosa, Maria Eufrásio, Maria Joaquina, Amaro e outros.

Foto 14:
Rei Manoel Preto e a
Rainha Adalgisa



Na década de 80, participaram como rei e rainha: Cristina, Lúcia de Amaro, Edson (caboclo), Hildo, João Grande, Margarida, Silvio, Manoel Preto, Alzira, Francisco, Lô, Dr^o. Lúcia e outros.

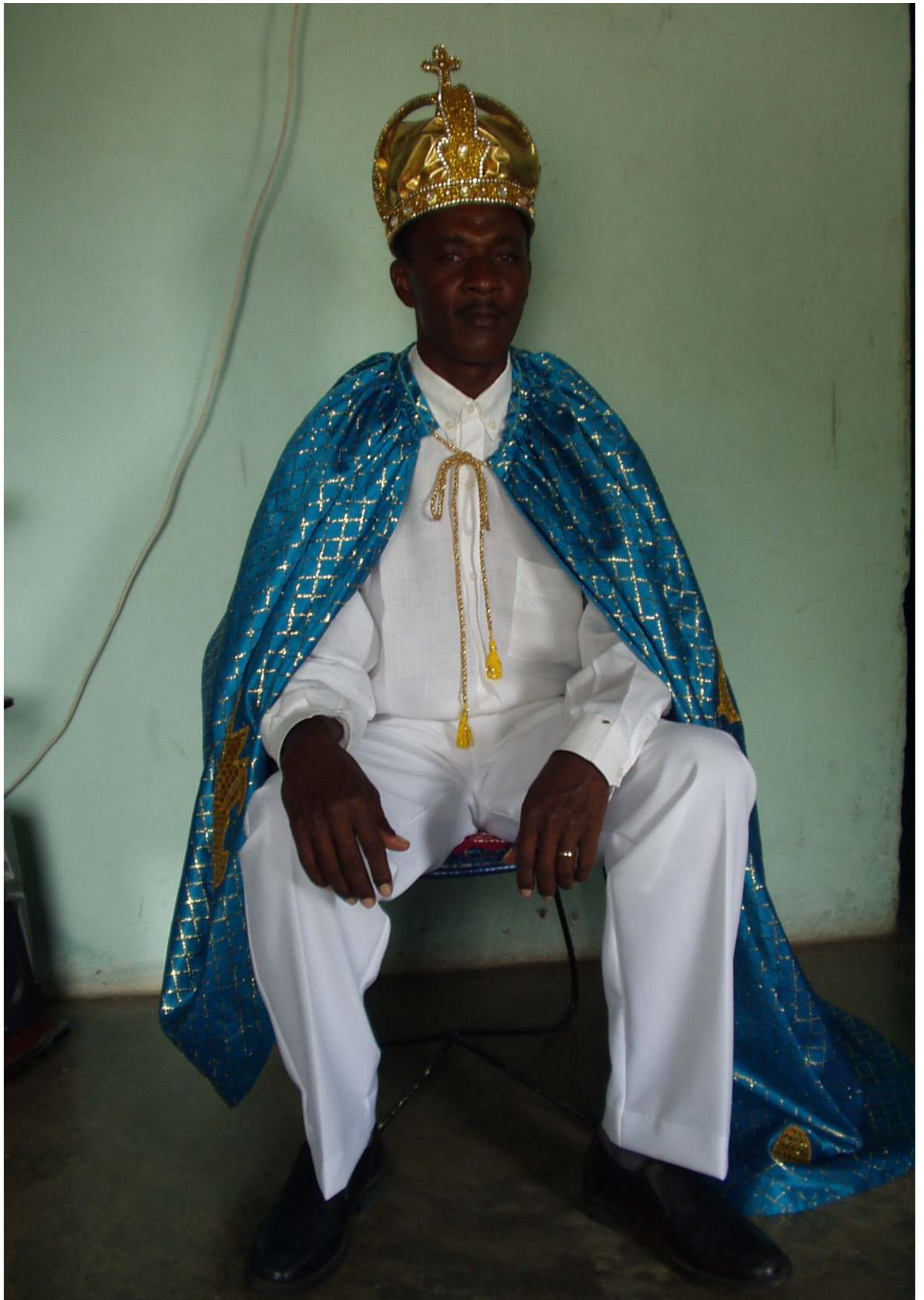
Foto 15:
Rei Edson (Caboclo),
Rainha Lúcia de Amaro
e o Espadachim Manoel
Preto

















"Até no céu, o negro tem o seu lugar."
É por que não?











COROAÇÃO DO REI E DA RAINHA DO CONGO – FLORESTA – PE

Aluna: Maria do Rosário de Souza

A coroação do Rei do Congo é uma manifestação secular na cidade de Floresta – PE vem desde a Fazenda Grande que pertencia ao senhor de escravo Pereira Maciel e sua esposa D. Joana da Silveira. Fazenda esta que deu origem a cidade de Floresta.

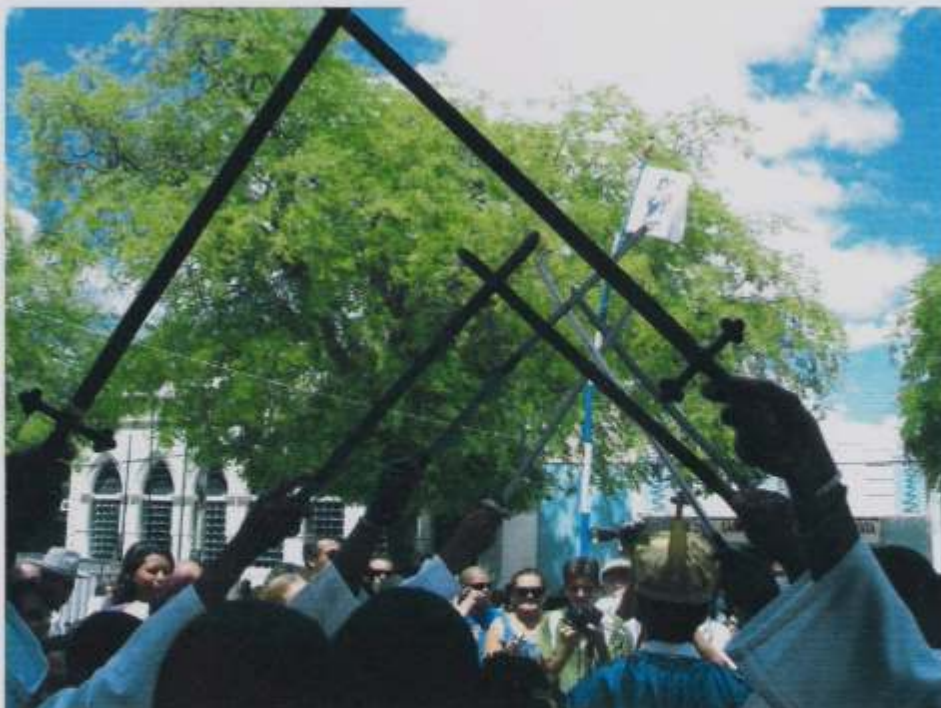
Segundo os Historiadores vários negros que vinham da África eram reis ou pertenciam a famílias nobres e estes sempre queriam mostrar aos seus senhores que também tinham linhagem nobre apesar de escravos.

Segundo o Historiador Hildo Rosa, em Floresta o dia 31 de dezembro dia de São Silvestre era o único dia que os escravos tinham para descansar (férias), então neste dia eles escolhiam entre os negros escravos ou livres um Rei e uma Rainha e os coroavam.

A coroação tem as seguintes etapas:

- 1- começa com o café na casa da ministra Ursulina e o Rei se veste na casa dela
- 2- a ministra sai da casa, logo em seguida o Rei sai sob as espadas dos lutadores, na frente da casa já está à espera o povo, a banda de pífaro (pifano, pifi) e acontecem os primeiros fogos de artifício para anunciar a saída do Rei.
- 3- os espadachins abrem o caminho lutando e o cortejo sai em direção à casa da Confraria do Rosário onde a Rainha o espera
- 4- o Rei chega à casa da Confraria entra sob as espadas e sai trazendo a Rainha, o cortejo agora se dirige para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos com toda corte: Rei, Rainha, Espadachins, Ministras, Damas e Súditos
- 5- chegam à igreja do Rosário onde acontece a missa. Ao terminar a missa o cortejo sai e é saudado pelo povo, banda de música, banda de pífaro, fogos e os sinos repicam.
- 6- o cortejo se dirige a casa da Confraria do Rosário, chegando lá é servido um lanche para os presentes e é escolhido o Rei e Rainha do ano seguinte. Caso não tenha promessa o Rei e a Rainha perpétua assumem.
- 7- o cortejo agora sai em direção à casa da Rainha, lá chegando é servido o almoço e finaliza o cortejo.

A Confraria tem um Rei perpétuo que até 2005 era o Senhor João grande, com o falecimento deste, em 2007 foi escolhido outro Rei perpétuo que é o Prof. João Luiz da Silva.



Saída da Igreja